



BUSCA

ASSINE O JC



MÚSICA



Os sons da música eletrônica brasileira: dos anos 1970 ao presente

A coletânea 'Outro Tempo' resgata os primórdios das produções eletrônicas dos anos 70 e 80, enquanto novos nomes aparecem nas compilações 'Tormenta' e 'Depósitos Noturnos'

Gabriel Albuquerque

Publicado em 19/06/2017 às 12:56

COMPARTILHE:    



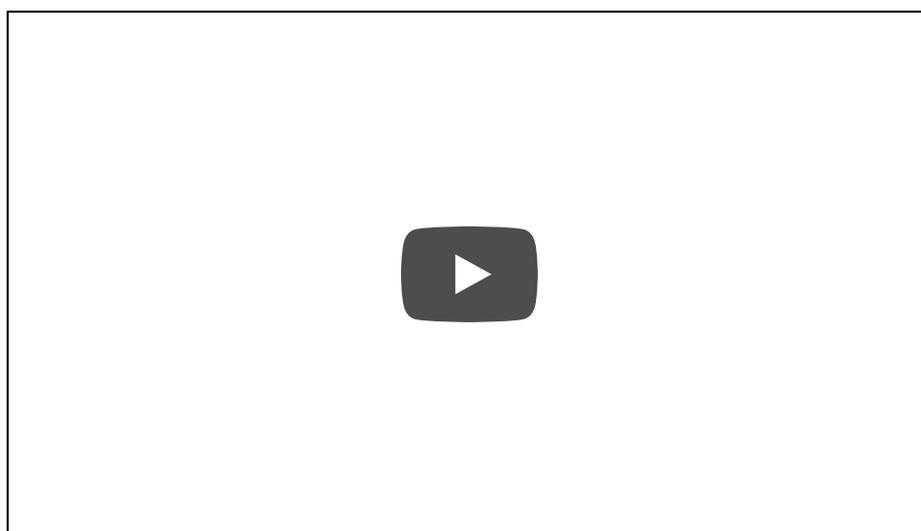
A coletânea 'Outro Tempo' resgata os primórdios das produções eletrônicas dos anos 70 e 80, enquanto novos nomes aparecem nas compilações 'Tormenta' e 'Depósitos Noturnos' - **Fotos: Felipe Gabriel/ Reprodução/ Bruno Rosolem**



“Enquanto o Brasil enfrentava os últimos anos de ditadura militar e transição para a democracia, uma geração de músicos com mentalidade de vanguarda desenvolveram uma visão alternativa da música e da cultura brasileira. Eles abraçaram métodos de produção eletrônica tradicionalmente evitados e fundiram sua música com elementos de ambient music, jazz-fusion e minimalismo. Ao mesmo tempo, referenciaram as formas musicais e a espiritualidade das tribos indígenas da Amazônia”.

PUBLICIDADE

As palavras são a introdução de John Gómez, pesquisador espanhol radicado em Londres, para a recém-lançada coletânea *Outro Tempo: Electronic And Contemporary Music From Brazil 1978-1992*, que resgata mais de uma década de produções nacionais marcadas pelo jazz e pelo minimalismo, quase esquecidas à época. Lançada em vinil duplo pelo selo Music From Memory, a compilação remonta o período das primeiras experimentações com elementos eletrônicos, quando músicos como Priscilla Ermel, Os Mulheres Negras, Maria Rita, Nando Carneiro, Marco Bosco e outros incorporam sintetizadores e programações às suas músicas.



“Eu pensei que era muito interessante politicamente porque parecia ser uma década esquecida”, explica John Gómez após o concerto *Outro Tempo*, que reuniu os artistas da coletânea no palco do lendário Teatro Oficina, em São Paulo – o show foi parte do festival RedBull Music Academy, no início do mês, e teve direção musical de Kassin.

“Minha impressão após minha pesquisa e conversar com os artistas é de que você tinha um inimigo em comum (a ditadura militar), mas nos anos 1980 a paisagem política muda gradualmente e isso muda um pouco. Não é que houve uma crise de identidade, mas houve um redefinição da identidade”, comenta Gómez, que até aprendeu português para contatar os músicos.

“O que aconteceu é interessante: de um lado, você tem uma globalização no Brasil. Em outro, você tem muito interesse e pressão internacional na floresta e em populações indígenas. Então, de certa forma, os problemas começaram a ser redirecionados para algo diferente, como a



tinha direitos civis. Nenhuma! Era um momento muito importante”, completa, lembrando que músicos como Priscila Ermmel, Marlui Miranda e Egberto Gismonti (que incentivou Nando Carneiro a estudar “computer music” e lançou seus álbuns pelo selo Carmo) foram à Amazônia e incorporaram suas técnicas musicais de povos indígenas em suas composições.

Andréa Daltro - Kiuá



As faixas da coletânea não são homogêneas, seguindo uma diversidade de estilos que vai do samba à new wave. Gómez explica que não está tentando afirmar que a cena musical do Brasil naquele momento era de música eletrônica e reafirma a diversidade.

“É interessante porque nenhum dos artistas pensou que eles estavam fazendo música eletrônica. Então quando eu falei algo de eletrônica, eles disseram que não, porque pensam que música eletrônica é a batida 4x4, uma música rígida... Era muito difícil para mim explicar o que eu queria dizer. O que eu dizia é que o que nós temos aqui são elementos eletrônicos, não música eletrônica. São elementos eletrônicos que são trazidos para a música acústica. Nando Carneiro, por exemplo, dizia que ele não estava fazendo música eletrônica. Ele usava computadores, mas de uma forma que ele esperava ainda ser ‘humanizada’. A combinação com o violão e piano ajudaria a humanizar seus computadores. Há uma expressão em inglês chamada ‘trial and error’ (tentativa e erro), em que você testa algumas coisas, às vezes não funciona e às vezes sim. Acho que este é um período onde isso estava acontecendo. As pessoas estavam tentando coisas pra ver o que funcionava”.

Ainda que toda essa música estivesse disponível, a coletânea – e o seu show emblemático no Oficina – é importante por abrir brechas, mostrando nomes, estéticas e ideias que passaram despercebidas da história oficial. Nas palavras sucintas de Kassin: “Esses discos estavam por aí há tantos anos. As pessoas até podem conhecer alguns dos artistas, mas o fato de colocá-los juntos nesta compilação e apresentá-los novamente, tentando uma corrente estética, uma narrativa, isto é o que a faz tão especial”.

NOVOS TEMPOS



é de uso comum – e a pluralidade de estilos e combinações só aumentam.

Outras duas coletâneas recentes sintetizam bem a música eletrônica brasileira contemporânea. Uma é *Tormenta Hits Vol. II*, que mostra como DJs brasileiros podem sintetizar funk e outros ritmos populares com bass, dance music minimalista e pop. Pernambucano radicado em São Paulo, Pininga mixa a batida do arrocha com a sensualidade elegante do Portishead em *Arrocha da Glória*. Já a Bad\$ista (nome artístico da produtora Rafaela Andrade) faz um mashup do hit *Last Night*, de P. Diddy e Keyshia Cole, com o tamborzão do funk.

Cookie policy

A outra compilação que representa bem a produção atual é *Depósitos Noturnos*, lançada pelo selo curitibano Meia-Vida. Aqui a sonoridade é mais agressiva e sombria, próxima das paisagens pesadas do techno e do industrial. Como diz a apresentação do disco: “A festa acabou, é hora de depósitos noturnos”. Thingamajicks explora o caráter textural do som em *Avril's Mock-Stern Expression*. Antiline brinca com a percepção do tempo empregando um beat repetitivo que se desmancha e reconstrói a todo momento em *Hiss*. O Hojer Yama cria uma nuvem de ruído e distorção por cima de sua batida frenética em *Elevador*.

Da *Outro Tempo* ao *Hits Tormenta* e *Depósitos Noturnos*, as sonoridades, as intenções e influências e contextos mudaram completamente. O escopo da música eletrônica no Brasil, contudo, só amplia vertiginosamente. O espaço está aberto para a inventividade dos DJs/produtores.

CONHEÇA ALGUNS EXPOENTES DA ELETRÔNICA BRASILEIRA:



óperas multimídias e instalações com música eletrônica.

Ouça: *Estórias Para Voz, Instrumentos Acústicos e Eletrônicos (1981)*

Maria Rita Stumpf

Suas composições misturam percussões africanas, cânticos indígenas e elementos eletrônicos. Sumiu dos palcos nos anos 1990, mas está sendo redescoberta por uma nova geração de DJs – como o selo paulistano Selva, que relança seu álbum de estreia em vinil e streaming.

Ouça: *Brasileira (1988)*

Priscila Ermel

Multiinstrumentista, toca cítara, flauta, viola, kalimba africana, flautas indígenas e outros. Gravou cinco álbuns independentes entre 1985 e 1995 e atuou em trilhas de novelas da Rede Manchete como O Guarani e Amazonas.

Ouça: *Campo de Sonhos (1992)*

Os Mulheres Negras

Formado por André Abujamra e Maurício Pereira, a “terceira menor big band do mundo” incorporou samples, bateria eletrônica e sintetizadores e reinterpreta os chavões do mundo pop.

Ouça: *Música e Ciência (1988)*

Cesrv

Criador do selo Beatwise Records, seu som é influenciado pelas batidas ultra aceleradas do footwork, jungle e drum n’ bass.

Ouça: *BR\$L (2016)*

Luisa Puterman

Trabalha com instalações e audiovisual, mas também cria músicas inspiradas na paisagem sonora urbana e com múltiplas camadas de som.

Ouça: *Mantra Marcha (2015)*.

Objeto Amarelo

Projeto do músico e artista visual Carlos Issa, cria uma música de pista ruidosa e distorcida.

Ouça: *Lado de Fora (2015)*

G Paim

Co-fundador do selo Meia-Vida e membro de várias bandas de anarcopunk, Gustavo também faz um som ligado às repetições do techno e à sonoridade industrial.

Ouça: *Sharpest Knife (2017)*.

Raquel Krugel

Ilustradora e designer de som, faz som com poucos recursos – um software de edição, um



Projeto Mujique

Fabiano Scodeler mistura a música popular das congadas e a percussão das religiões afrobrasileiras com beats eletrônicos e camadas de sintetizadores em seu projeto de psicodelia rural.

Ouça: *Koongadada* e *Sarvará*.

Mano DJ

Dos principais produtores do funk paulista, ele inovou ao usar fragmentos vocais na batida da música, beber de outros gêneros musicais, manipular as vozes dos MCs e usar efeitos sonoros complexos que trabalham a espacialização do som.

Ouça: *Tchu Plin* e *Bonequinha* (com MC Bin Laden).

Marginal Men

Expoentes do que alguns chamam de "favela bass" ou "brazilian bass", a dupla de DJs carioca aborda o funk a partir de uma perspectiva mais global da música eletrônica, mesclando com os graves da bass music tanto em produções próprias quanto em mashups.

Ouça: *Footworkzzzz* (part. Omulu) e *Um Otário, (A Warning), O Ritual*

COMPARTILHE:



TAGS

MÚSICA EXPERIMENTAL

MÚSICA ELETRÔNICA

AUTOR

Publicado por

Gabriel Albuquerque

NEWSLETTERS

VER TODAS



- JC Negócios
- Resenha Política
- Escolhas do Editor
- Emprego/Concurso
- Entretenimento
- Futebol de Pernambuco

Como você quer ser chamado?

E-mail

ASSINE GRÁTIS

VEJA TAMBÉM

 Festa Club Nox agita o Parador, no Bairro do Recife, neste sábado (14)

MÚSICA ELETRÔNICA

Festa Club Nox agita o Parador, no Bairro do Recife, neste sábado (14)

 Só Track Boa e Marrakech animam o sábado no Recife

AGITOS

Só Track Boa e Marrakech animam o sábado no Recife

 Morre aos 50 anos, Zdar, membro da dupla de música eletrônica Cassius

MORTE

Morre aos 50 anos, Zdar, membro da dupla de música eletrônica Cassius



ÚLTIMAS NOTÍCIAS



VERBA REDUZIDA

Evandro Carvalho fala de reunião para tentar reverter decisão que reduz 75% da cota de TV

Clubes estão recebendo apenas 25%, valor que, segundo o presidente da FPF, é insuficiente para os clubes



PANDEMIA

Ciro Bezerra testa positivo para a covid-19, mas se recupera em casa



NOMEAÇÃO



Políticos repercutem nomeação de Rolando Alexandre para cargo de diretor-geral da Polícia Federal

Anúncio de nomeação foi feito nesta segunda-feira (4) pelo presidente Jair Bolsonaro



MALABARISMO FISCAL



Proposta permite à União custear o combate ao coronavírus sem as amarras da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO)

MAIS MATÉRIAS



ASSINE JC

Fique por dentro de **tudo que acontece, assine** o Jornal do Commercio.

ASSINE JÁ



VOLTAR AO TOPO

CANAIS

PERNAMBUCO

COLUNAS

CULTURA

POLÍTICA

ECONOMIA

ESPORTES

BRASIL

MUNDO

OPINIÃO



PRIVACIDADE

MELHORES PRÁTICAS

TRABALHE NO SJCC

EXPEDIENTE

SERVIÇOS

NOTÍCIAS PELO WHATSAPP

ASSINE JC

NEWSLETTER JC

FALE CONOSCO

AO VIVO

RÁDIO JORNAL

TV JORNAL

REDES SOCIAIS



 WHATSAPP

Jornal @ 2020 - Uma empresa do grupo JCPM
PARA SOLICITAÇÃO DE LICENCIAMENTO, CONTACTAR EDITORES@NE10.COM.BR

